

TITULO: CONSTRUINDO A IGUALDADE ÉTNICA E DE GÊNERO NA ADOLESCÊNCIA

EIXO: 4

AUTORES:

Sandra Cristina de Souza, Patrícia Fanali Monaro, Adriana Pinheiro Barbosa

REFERENCIA INSTITUCIONAL:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CONTACTOS:

sandracritina@uems.br

patriciafanalimonaro@hotmail.com

adryabarbosa@hotmail.com

RESUMO

Este artigo pretende relatar a execução do projeto de extensão aprovado no âmbito da Universidade Estadual de MS, para ano de 2011-12. Sob o título CONSTRUINDO A IGUALDADE ÉTNICA E DE GÊNERO NA ADOLESCÊNCIA, busca conscientizar os participantes sobre a necessidade de superação de preconceitos étnicos e de gênero. Através da exibição de filmes, debates e confecção de cartazes, os alunos são levados a refletir sobre a necessidade do respeito à diversidade étnica e de gênero.

ABSTRACT

This article intends to report the execution of the extension project approved under the State University of MS, for the year 2011-12. Under the heading BUILDING AND ETHNIC GENDER EQUALITY IN ADOLESCENCE, search educate participants about the need to overcome ethnic and gender prejudices. Through screenings, discussions and preparation of posters, students are led to reflect on the need for respect for ethnic and gender.

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados parciais do projeto de extensão que está sendo realizado na Escola Agrícola “Guia Lopes”, situada no município de Guia Lopes da Laguna, MS, que oferece o ensino fundamental, onde buscamos através da arte, no caso, confecção de cartazes alusivos a diversidade étnica e de gênero, que os alunos participantes, exponham sua visão da sociedade discriminatória onde vivem e da sociedade que promova o respeito às diferenças. As atividades consistem em exibição de um filme alusivo a temática, discussão do conteúdo do filme e

confeção dos cartazes. Percebemos nas discussões o relato de várias situações discriminatórias em que os alunos participantes estiveram envolvidos, seja como autor ou objeto da agressão. Durante a confecção dos cartazes percebemos a exposição de idéias dos adolescentes sobre estes fatos ocorridos através das imagens, e alguns que não as expuseram oralmente, se expressaram artisticamente. Assim pudemos comprovar como a arte facilita a expressão de emoções que estão guardadas no interior dos alunos. Acreditamos que através dessas atividades esteja sendo promovida a conscientização dos adolescentes para que se desenvolva um novo olhar sobre a sociedade, buscando assim, um amplo entendimento sobre a diversidade étnica e de gênero existente hoje, através da utilização da arte como forma de reflexão.

O projeto iniciou-se em março de 2011 e se estenderá até novembro de 2011. As atividades são realizadas em uma das salas da escola. Durante as atividades os adolescentes são motivados a refletir sobre o preconceito que carregam devido a informações distorcidas veiculadas em sua família, na escola e no grupo de amigos sobre os vários grupos étnicos de nosso país, sobre mulheres, e sobre homossexuais. Inicialmente exibimos um filme como forma de sensibilização, após o que é realizado um debate e então confeccionado cartazes com a turma, de cerca de quarenta alunos dividida em grupos de cinco alunos, sobre as percepções dos participantes sobre o filme e os debates. A arte têm capacidade de trazer a tona o universo simbólico do sujeito, por isso, utilizamos a arte, em pintura ou recorte e colagem na construção de cartazes, como forma de conscientização do nosso público alvo.

No que se refere aos objetivos do trabalho é possível reunir três objetivos fundamentais: 1) fornecer aos leitores, sobretudo professores de *do 8º e 9º ano*, acesso a informações sobre as práticas sociais e culturais dos povos indígenas no Brasil, de modo a reduzir, entre alunos e professores, a distância entre as representações que dizem respeito sobre o "índio" e o modo de vida desses povos; 2) possibilitar os professores e alunos uma reflexão crítica sobre a relação entre povos indígenas e sociedade envolvente em que vive; 3) estabelecer uma ponte entre os resultados da pesquisa antropológica e os universos da escola, socializando conceitos e informações que permitam a desmontagem do senso comum.

Pensamos em elaborar este projeto ao observar que em nosso país ainda há muito preconceito contra negros, índios. Há também, em nosso país, casos de homofobia e desrespeito aos direitos das mulheres. O Ensino de Geografia precisa levar em consideração estas temáticas, que estão contempladas nos Parâmetros curriculares para o Ensino Fundamental e Médio. Os adolescentes constituem uma camada da

população que está em formação e, portanto precisam ser alertados sobre a necessidade do respeito as diferenças. A arte têm a capacidade de, descontraidamente, tratar desta temática, de modo a fornecer subsídios para que esses adolescentes reformulem os conceitos já construídos em seu imaginário pela vivência em uma sociedade preconceituosa.

Optamos por utilizar a arte como forma de sensibilização pois a educação em arte ganha crescente importância quando se pensa na formação necessária para uma adequada inserção social, cultura e profissional do jovem contemporâneo. Ela imprime sua marca ao demandar um sujeito da aprendizagem criador, propositor, reflexivo e inovador. Se hoje o aluno deve ser formado para enfrentar situações incertas e para resistir as oposições de velocidade e de fragmentação que caracterizam a contemporaneidade, a arte pode colaborar e muito. Cada imagem cada gesto, cada som que imerge nas formas artísticas criadas em sala de aula tem grande importância, uma vez que se refere ao universo simbólico do aluno. Portanto, exige atuação precisa do professor, o planejamento de tempo a organização de espaço e atenção aos professores e alunos como entre os colegas de classe.

Uma aprendizagem artística assim percorrida deixará marcas positivas na memória do aprendiz, um sentimento de competência para criar e interpretar objetos artísticos como também refletir sobre a diversidade étnica e de gênero através da arte. Além disso o aluno aprende, a lidar com situações novas inusitadas e incorpora competências e habilidades para expor publicamente suas produções e idéias com autonomia.

A importância de formação escolar integrada a produção social da arte é um aprendizado para participação do jovem na sociedade.

Nesse percurso de construção de saberes, cada aluno fará escolhas com liberdade de discernimento, o que caracteriza os processos de criação em arte e de aprendizagem autoral. Será, sim influenciado pelas culturas mas contará com traços prepositivos e transformadores, próprios para por modo de continuar aprendendo sempre e por si, dentro e fora da escola, renovando-se em contato a diversidades de manifestações artísticas e que revelam o movimento continuo da arte e do conhecimento.

Um aluno preparado para o futuro é aquele que acompanha seu tempo, ancorada em uma sólida formação. Nesse aspecto, a arte é, sem duvida, uma base imprescindível para incluir as formas simbólicas que dizem respeito á humanização de todos os tempos e lugares.

Através da arte, pretendemos criar as condições para que o aluno sinta-se bem ao manifestar seus pontos de vista sobre a diversidade étnica e de gênero e assim, desconstruir, com a ajuda do monitor, os preconceitos construídos nos grupos familiares, de amigos e na própria escola.

Um dos pressupostos básicos que utilizamos para a escolha dos filmes e direcionamento das discussões é a compreensão do preconceito. O preconceito é causado pela ignorância, o não conhecimento do outro que é diferente. O preconceito leva à discriminação, à marginalização e à violência. Alguns preconceitos étnicos: "Todo cigano é ladrão." "O judeu é perverso": "Os índios em geral são improdutivos e preguiçosos"; "Todo negro é adepto de feitiçaria". Outros preconceitos: a mulher no volante e o velho vagaroso são ridicularizados e acabam excluídos.

Ao longo da história brasileira, foram muitas as lutas travadas pelas populações indígenas no esforço de preservar sua cultura no contato com a sociedade. Hoje ainda essas lutas permanecem intensas e mais do que nunca necessárias, é um dos terrenos mais importantes no qual se faz necessário conduzir esse combate é o dos discursos acerca do "índio". Pois os índios – assim como os negros – são hoje e sempre foram vítimas de um acúmulo de preconceitos. Nesse combate de representações, os povos indígenas têm encontrado apoio e solidariedade entre os antropólogos brasileiros. Sobretudo nas últimas três décadas, aqueles pesquisadores mais diretamente voltados para o estudo de tais populações têm buscado dissipar o véu das falsas imagens em torno do "índio".

Historicamente, a situação dos índios variou entre quadros de completo abandono, perseguição e miséria. Até meados da segunda metade do século XX, alguns especialistas no assunto acreditavam que a presença dos índios chegaria a um fim. Contudo, estipulados em uma população de aproximadamente um milhão de indivíduos, os indígenas hoje buscam o reconhecimento de seus direitos pelo Estado e ainda sofrem grandes obstáculos no exercício de sua autonomia.

Os antropólogos têm buscado "penetrar diversas áreas de investigação histórica, abrangendo estudos sobre a aquisição, a escravidão, as relações de gênero, as mentalidades, entre outros assuntos". Mostrando assim que os estudiosos não estão só preocupados em "preencher lacunas", mas também faz discussões críticas a respeito do passado indígena e dos negros.

A história de que os índios não mais existiam, foi deixada de lado, abrindo espaço para o otimismo em relação ao futuro dos indígenas, dando-se através dos próprios índios quem tem reivindicado seus direitos. Direitos esses que tem ganhado espaço cada vez mais.

Buscamos nas discussões com os alunos discutir a importância de compreendermos um pouco sobre a história dos escravos índios e negros. Através dessa história é possível entender que até o século XVII os índios foram bastante escravizados e a partir deste momento os negros trazidos da África passaram a ser os escravizados, isso porque se acreditava que os negros eram mais fortes. Essa ideologia de que os índios eram preguiçosos é um mito, pois nas comunidades indígenas, os índios passavam dias sem dormir caçando em florestas, cortando árvores e plantando fazendo buracos com pedaços de pau pois não havia nenhuma ferramenta apropriada. Será que um povo preguiçoso seria capaz de executar essa tarefa? A inteligência e a capacidade de trabalhar de cada comunidade não “depende da raça”.

Desde o dia 22 de abril de 1500, nunca mais o Brasil se viu livre da discriminação, a qual nasceu com ele. Tudo começou com os índios, passando pelos negros escravos e alcançando os nossos dias, com a discriminação dos pobres, deficientes físicos, homossexuais, mulheres, crianças e adolescentes entre outros. Mas de todos os excluídos, os negros, com toda a certeza, foram os que mais sofreram com o preconceito. Junto com os indígenas, foram as grandes vítimas no Novo Mundo, sofrendo terríveis agonias e sofrimentos, participando de lutas, morte e martírio, em busca da libertação da horrível escravidão que lhes foi imposta.

O Brasil possui uma formação populacional altamente heterogênea, o que faz dele, realmente, um lugar especial e a prova viva de que é possível viver em harmonia étnica e cultural em meio a um oceano de miscigenação. Evidentemente que esta "harmonia" é relativa e deve ser observada com olhos atentos. Mas não se pode negar que o cenário nacional encontra-se livre de antecedentes históricos envolvendo atentados à bomba contra templos religiosos ou grupos racistas radicais declarados como se vê em países como Estados Unidos, França e Alemanha. O povo brasileiro, em toda a sua diversificação, é um povo uno, uma raça só oriunda de diversas outras raças, uma só entidade socio-político de larga base territorial. Mas esta aparente unidade não pode esconder outra realidade nacional: o racismo

De repente, os negros foram declarados livres e, após a alegria inicial, descobriram-se sem teto, trabalho e meios de sobrevivência. Durante a vida toda, os negros trabalhavam para seus senhores, nunca para si, recebendo um mínimo para sua subsistência. Com o fim da escravidão, não ocorreu aos abolicionistas à necessidade de garantir-lhes meios para sua sobrevivência nem a posse da terra para sua fixação. Favorecidos de um lado, a marginalização dos negros não acabou apenas "mudou de roupagem", pois sua discriminação ganhou uma outra perspectiva: o esquecimento.

O negro também é alvo de preconceito na sociedade, o grande desafio é compreender os valores da contribuição dos negros no Brasil, na arte, na cultura, na religião, na culinária. Mas pela deficiência na área da educação, até mesmo os negros, na sua maioria não compreendem os seus valores e o seu papel na sociedade. Isto acaba aumentando os preconceitos e as discriminações contra a pele negra. Existe um imaginário onde se diz: o que é bom é branco, e o que é feio é negro, o que é do branco é santo, e o que é do negro é marginal. Portanto, a cultura negra é sinônimo de coisas negativas, e isso acaba refletindo em quase todos os aspectos da vida humana. Quando se fala das questões sociais o negro se torna pobre, quando se fala do homem e da mulher negra, eles se tornam invisíveis, seja pela mídia e outros meios de comunicação, principalmente no que se refere hoje ao poder de decisão e das ocupações profissionais do grande mercado.

Ao se falar de preconceito muitos são os alvos a cima estão citados os índios e negros, mas entre estes ainda se encontram as mulheres, ciganos, homossexuais, enfim tudo que aos olhos da sociedade é "diferente". A primeira forma de divisão do trabalho nas sociedades primitivas ocorreu entre os dois sexos, sendo aos homens confiadas as atividades de caça e pesca e, à mulher, a coleta dos frutos, evoluindo para a cultura da terra. A presença cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho e a sua importante contribuição na composição da renda familiar não têm impedido a manifestação do preconceito contra elas, ainda que de forma velada. Mas algumas leis foram criadas para beneficiar as mulheres

- 1. Art. 5º, I, da CF/88: funciona como proteção indireta ao trabalho da mulher, na medida em que impede discriminações entre homens e mulheres ao considerar estes iguais em direitos e obrigações. Tal preceito é uma retomada ao art. 7º da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948);

- 2.Art. 10, II, "b" do ADCT: assegura o emprego da mulher durante o período de gestação, bem como no momento posterior ao parto. Segundo o dispositivo, a empregada não poderá ser dispensada desde a confirmação da gravidez até 5 meses após o parto.

Os homossexuais também são muito discriminados isso porque tem leis que foram criadas para defendê-los, os que resolveram “sair do armário” são vistos pela sociedade como “monstros”, assim são vistos os ciganos que são conhecidos como ladrões, todos tem um certo pavor quando se fala de ciganos.

No Brasil existem muitas pessoas homossexuais e sem dúvidas todos devem conhecer alguém que se denomina como tal, mas da mesma maneira como existe a homossexualidade existe também a homofobia, que são as pessoas que discriminam este modo de agir. É complicado falar do Brasil diante deste assunto, pois o casamento entre pessoas do mesmo sexo não era liberado para nossa nação, mas o preconceito e discriminação é um crime. O assunto é confuso e causa muito polêmica

“Nestes últimos quatro mil anos da história humana, o Ocidente repetiu, *ad nauseam*, que o amor e o erotismo entre pessoas do mesmo sexo eram “o mais torpe, sujo e desonesto pecado”, e que por causa dele Deus castigava a humanidade com pestes, inundações, terremotos, etc.³ Ainda hoje, cristãos menos iluminados atribuem o flagelo da Aids ao castigo divino contra a revolução sexual e o movimento gay, comprovando o quão arraigadas ficaram nas trevas da ignorância coletiva as abominações do Levítico, reforçadas pela intolerância incendiária da Santa Inquisição, que condenava à morte os amantes do mesmo sexo.”

A autora Maria Luiza Tucci Carneiro em seu Livro “O racismo na História do Brasil” (1997) coloca claramente que o Brasil tenta mostrar uma imagem de um país cordial onde se vive povos pacíficos sem nenhum tipo de preconceito. Alimenta-se uma ideia que se vive em uma democracia racial, mesmo que se esteja visível as desigualdades e limites de oportunidades oferecidas aos negros, índios e ciganos.

Devido tanto preconceito pela ignorância das pessoas que se dizem “perfeitas” muitos desse vão para as drogas, se marginaliza e o fim é a morte. As pessoas

preconceituosas acreditam numa idéia sem se preocupar se essa idéia é falsa ou verdadeira, aceitam que tudo que é dito ou visto é realidade. Não questionam não vão atrás de novas informações. “São uma espécie de cordeirinhos mentais mansos e obedientes sempre contentes com a própria ignorância e irracionalidade”. A constituição Brasileira é clara no que diz a respeito ao preconceito. Discriminação constitui crime inafiançável.

É preciso acabar com a noção de que os negros são sinônimos de criminalidade, que índios são preguiçosos, etc. é contribuindo, no máximo, como incentivadores da preservação de sua cultura. São necessárias iniciativas para frear e acabar com o preconceito no Brasil, principalmente do auxílio da escola, dos meios de comunicação e da educação em geral. O papel da escola é de fundamental importância no combate ao preconceito. O preconceito que se infiltrou pode, da mesma forma, ser retirado do nosso convívio se houver uma participação clara e ativa da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Duby,G & Perrot,M.-“Escrever a História das mulheres”, In: Thébaud, Françoise- História das mulheres, O século XX, Porto, Ed. Afrontamentos, 1998

FERNANDES, F.- A integração do negro na sociedade de classes, São Paulo, Ática,1978.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formações de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003

HASENBALG, C. A. e Vale e Silva, N.- Estrutura Social, mobilidade e raça. São Paulo, Vértice, 1988.

Ministério da Justiça. Estatuto da criança e adolescente. 12 anos. Ed. Especial. Brasília: Ministério da justiça., 2002. 224pág

MOTT, L- Homossexualidade: mitos e verdades. Salvador: Editora GGB, 2003

MOTT, L - HOMO-AFETIVIDADE E DIREITOS HUMANOS, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2005

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O racismo na História do Brasil – Mito e Realidade, São Paulo, Ática, 1997

